Comunicação Sobre A Morte Para Crianças: uma pesquisa a luz da Psicologia fenomenológico-existencial

Communication About Death For Children: a research in the light of existential-phenomenological psychology

DOI:10.34117/bjdv7n6-558

Recebimento dos originais: 07/05/2021
Aceitação para publicação: 24/06/2021

Patrícia Gonçalves Mendonça
Graduada/Discente. Centro Universitário de Itajubá-FEPI.
Av. Dr. Antônio Braga Filho,687. Porto Velho, Itajubá.
E-mail:patriciagm97@hotmail.com

Taciane Castelo Branco Porto
Docente do curso de Psicologia-Centro Universitário de Itajubá-FEPI
Minas Gerais

RESUMO

A morte é um tema que assusta e perturba o ser humano, no entanto ela é um fenômeno inevitável que coloca o homem diante da necessidade de tomar consciência das próprias limitações. Diante da tendência que existe em evitar essa temática, é possível afirmar que a morte causa ainda mais repulsa quando é um tema a ser explicado para as crianças. A pesquisa realizada foi um estudo de campo, de caráter exploratório, que se propôs a compreender, fenomenologicamente, como os adultos se colocam diante da necessidade de falar sobre a morte com crianças e orientar os participantes da pesquisa a respeito desta comunicação de forma assertiva. Dentre os resultados obtidos, percebe-se que há confusão quanto a própria crença, presença de ideias contraditórias, uso de eufemismos e fantasias como recursos utilizados pelos adultos diante da comunicação sobre o tema morte com crianças. Assim sendo, o trabalho destaca a necessidade de que haja maior aceitação e ampliação de espaços para que este tema seja discutido.

Palavras-chave: Morte, Comunicação, Fenomenologia, Infância.

ABSTRACT

Death is a subject that scares and disturbs the human being, however it is an inevitable phenomenon that puts man before the need to become aware of his own limitations. Given the tendency to avoid this issue, it is possible to say that death causes even more revulsion when it is a theme to be explained to children. The research was an exploratory field study that aimed to understand phenomenologically how adults are faced with the need to talk about death with children and guide the research participants about this communication in an assertive way. Among the results obtained, it is clear that there is confusion about the belief itself, the presence of contradictory ideas, the use of euphemisms and fantasies as resources used by adults in the communication about the theme of death with children. Thus, the work highlights the need for greater acceptance and expansion of spaces for this topic to be discussed.

Keywords: Death, Communication, Phenomenology, Childhood.

1 INTRODUÇÃO

A morte é um fenômeno inerente ao homem e pensar que, em algum momento todo o ser humano estará diante dela, poderia levar-nos à possibilidade de encará-la como algo natural. No entanto, "ela constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis" (KÜBLER-ROSS, 2008, p.9).

Para Ceccon (2017), as pessoas evitam falar sobre morte, porque isto faz com que elas se vejam diante da necessidade de tomar consciência das próprias limitações, incluindo a finitude à que estão sujeitas. Considerando esta dificuldade em pensar e falar sobre morte, torna-se evidente que a comunicação a respeito deste tema seja um tabu ainda maior quando envolve crianças. Segundo Lima e Kovács (2011, p.2):

> A sociedade contemporânea supõe que a criança não compreenda a morte, e encara tudo que lhe é associado como prejudicial a ela, mantendo um silêncio amedrontador, desconversando ou protegendo-se com metáforas quando se trata de conversar com os pequenos sobre esse tema.

Kübler-Ross (2008), considera que nossa sociedade tende a afastar as crianças dos assuntos relacionados a morte, julgando que este seja um tema difícil demais de ser compreendido por elas. Desta forma, através do uso de mentiras ou histórias inventadas pelos adultos, busca-se 'proteger' os pequenos do contato com a realidade, mas isso faz com que eles internalizem essa experiência como traumática e misteriosa, passando a perceber os adultos como pessoas não confiáveis e impedindo que as crianças se preparem para encarar a morte como parte da vida, assim como uma oportunidade para crescer e amadurecer.

Para Oliveira (2016), aprender a lidar com perdas desde cedo é necessário e indispensável, pois a vida representa um movimento contínuo de nascer e morrer. A mesma autora afirma que é preciso considerar que a criança é um ser capaz de captar tudo o que acontece ao seu redor e que, esconder dela a realidade, pode ser uma das principais causas de manifestações patológicas desenvolvidas na infância. Fronza *et al* (2015, p.51) acrescenta que "quando a comunicação é falha e a curiosidade da criança sobre a morte, reprimida, é frequente que, numa ocasião de perda, esta criança apresente distúrbios psíquicos, como fobias e problemas de aprendizagem".

O tema proposto foi escolhido pelas pesquisadoras, inicialmente, a partir das aulas de fenomenologia existencial humanista, em que tiveram a oportunidade de pensar sobre a morte de uma maneira diferente, pois compreenderam que, lembrar da finitude faz pensar em viver de maneira mais autêntica. Refletirem sobre o assunto, despertou-lhes interesse para o fato de que a consciência de que tudo, naturalmente, tem início e fim, pode fazer com que o ser humano seja capaz de lidar melhor com as frustrações e perdas que o rodeiam constantemente.

A discente graduada, ao assistir à apresentação de um trabalho, sobre luto e infância, pela primeira vez, começou a pensar a respeito de como a comunicação sobre o tema morte, tem sido feita de maneira inadequada para as crianças. Esta falha na comunicação também foi percebida quando, no ano de 2017, houve a oportunidade desta realizar atendimentos com crianças na Clínica-escola do Centro Universitário de Itajubá-FEPI, os quais eram supervisionados pela pesquisadora docente.

Por meio de experiências diretas e de relatos de colegas em supervisões de estágio, houve a possibilidade de contato com casos em que as crianças passavam por situações de perdas e, diante da inabilidade dos adultos para tratar do assunto, elas eram submetidas a situações em que, a não comunicação ou as mentiras que lhe eram contadas, abriam espaços para a fantasia e para inúmeras dúvidas em relação a ausência de pessoas que morreram e isso, consequentemente, prejudicava o processo de luto.

Diante desta realidade, o tema proposto tem sua relevância tanto na esfera pessoal e social, quanto científica. Assim sendo, a pesquisa desenvolvida, possibilitou-nos a oportunidade de contato com uma realidade que é de interesse e curiosidade das pesquisadoras, no que se refere à forma como as pessoas comunicam a morte para as crianças. O envolvimento com este estudo, agregou experiências que, sem dúvidas, contribuíram para o crescimento pessoal e profissional das pesquisadoras, pois, segundo Kovács (2012, p.23) “a diferença entre as pessoas em geral e os profissionais de saúde: médicos, enfermeiros, psicólogos, é que na vida destes a morte faz parte do cotidiano, tornando-se companheira de trabalho”.

Quanto a contribuição deste trabalho à sociedade, pode-se afirmar que a realização deste estudo, possibilitou que orientações fossem dadas ao público alvo, que constitui a mesma, no que se refere a maneiras assertivas de se comunicar com a criança sobre o assunto morte. Tratando-se da relevância científica deste trabalho, Santos e Fensterseifer (2016), consideram que a Psicologia, enquanto campo do saber, que tem como objeto de

estudo o homem, deve voltar-se ao estudo da morte como forma de suprir a carência que é encontrada no curso de graduação, a fim de capacitar e preparar os profissionais para lidar com essa temática.

Diante do exposto, torna-se necessário refletir sobre a temática da morte no que se refere à infância, levando em consideração que a criança pode ser comunicada a respeito, e tem direito à verdade, desde que seja considerada a sua faixa de desenvolvimento, assim como a sua capacidade de compreensão. Assim sendo, a pesquisa teve como base, a hipótese de que os adultos não estão sabendo como falar sobre o tema morte com as crianças e seu objetivo foi compreender como os pais ou responsáveis se colocam atualmente diante da necessidade de comunicar sobre o tema para elas. Partindo da hipótese citada acima, o objetivo específico deste trabalho foi orientar os participantes da pesquisa sobre quais maneiras mais assertivas de comunicação sobre o tema morte com crianças.

2 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE MORTE NA CRIANÇA E POSSIBILIDADES DE COMUNICAÇÃO ASSERTIVA SOBRE O TEMA

As pesquisas desenvolvidas por estudiosos que se interessam pelo tema da morte apontam para o fato de que a formação do conceito de morte ocorre simultaneamente ao desenvolvimento cognitivo da criança, o que significa que uma comunicação assertiva a respeito deste tema, deve levar em consideração as fases do desenvolvimento, para que a singularidade da criança e sua capacidade de compreensão sejam respeitadas. Abaixo, estão descritos os resultados de pesquisas que esclarecem o desenvolvimento do conceito de morte na criança.

Um dos mais importantes estudos sobre o assunto, foi realizado por Torres (1978), que procurou avaliar como se dá o desenvolvimento do conceito de morte na criança, tendo como base os estudos de Piaget (1995) acerca do desenvolvimento cognitivo. Em sua pesquisa, a estudiosa citada procurou compreender como crianças entendem a morte biológica em três diferentes aspectos, sendo eles: 1- extensão: diz respeito à compreensão da criança acerca dos seres que morrem; 2- significado: refere-se a compreensão do que é a morte e 3- duração: sobre a compreensão acerca da permanência da morte, no que se refere ao tempo. Através desse estudo, a autora concluiu que existem três níveis que caracterizam o conceito de morte prevalente no pensamento da criança que estão relacionados ao período de desenvolvimento em que ela está.

No primeiro nível, as crianças são capazes de identificar de forma adequada seres que morrem e seres que não morrem, no entanto, ainda não conseguem reconhecer que determinada categoria, a dos seres inorgânicos, não morrem pois não possuem vida. Desta forma, a oposição entre seres animados e inanimados ainda não está clara para a criança. Uma característica importante deste nível é que as crianças "*não* compreendem a morte como processo definitivo e irreversível, mencionando modos pelos quais o morto poderá tornar a viver" (TORRES,1999, p.80).

A autora (1999) pontua que esta forma de compreensão é característica, tratando-se do desenvolvimento cognitivo, do período pré-operacional, que diz respeito a faixa etária de 2 a 7 Anos de idade, e segundo Kovács (2008), o conceito de morte como algo reversível recebe influências diretas dos meios de comunicação que colocam diante da criança, a imagem de personagens capazes de desafiar e sobreviver a situações de morte, transmitindo assim, a ideia de morte como um fenômeno manipulável, que pode ser revertido. Assim sendo, "a morte é percebida por elas numa perspectiva de pensamento pré-lógico, de reversibilidade, como um pseudoconceito" (SENGIK e RAMOS, 2013, p.386).

O segundo nível compõe características que são comuns em crianças que encontram-se no subperíodo das operações concretas que tem início a partir dos 7 anos de idade, aproximadamente. Nele é comum que a definição de morte se dê a partir de aspectos perceptivos, possibilitando que a criança reconheça, por exemplo, a imobilidade do morto. Essa fase é marcante, pois é neste momento que surgem as características cognitivas mais importantes, em que a reciprocidade passa a ser internalizada e é desenvolvida a noção de constância do eu e do objeto. "A criança já é capaz de observar que os outros são diferentes dela própria e que têm experiências diferentes. Consequentemente torna-se capaz de expressar a permanência da morte física mesmo não a tendo experimentado, ou tido contato com ela" (TORRES, 1999, p.83).

Um aspecto relevante desse nível é que as crianças compreendem que a morte representa uma condição permanente, tendo mais desenvolvida a capacidade para diferenciar seres animados e inanimados, no entanto "não são totalmente capazes de dar explicações lógico categoriais da causalidade" (TORRES, 1999, p.82).

É pontuado por Papalia; Olds e Feldman (2006), que é entre os 5 e 7 anos de idade que a criança passa a compreender que a morte é irreversível, entendendo que uma flor, uma pessoa ou um animal não podem voltar a viver. Aproximadamente nessa mesma

fase, dois importantes conceitos sobre a morte, são percebidos por elas. O primeiro é o da universalidade, significando que tudo o que tem vida, naturalmente morre. Já o segundo conceito citado pela autora é o da não funcionalidade, que implica na cessão de todas as funções vitais quando ocorre a morte.

O terceiro e último nível proposto por Torres (1999), é característico de crianças que encontram- se no período das operações formais, a partir dos 12 anos. Neste, a distinção entre seres animados e inanimados é clara e a criança consegue falar sobre a morte de maneira lógica, através de explicações biológicas que são essenciais para explicar sua causalidade. A autora pontua que:

> Neste nível, as crianças começam a reconhecer a morte como um processo natural, parte da própria vida, processo que opera internamente, implicando na cessação da vida corporal. Suas explicações são amplas, envolvendo generalizações e/ou enfoque à paralização de órgãos essenciais. Entretanto, um alto nível de abstração ainda não se verifica nem mesmo nesta fase (TORRES,1999, p.82).

Ainda sobre este período do desenvolvimento Toma, Oliveira e Kaneta (2014) ressaltam que a criança, a partir dos 8 anos, torna-se capaz de desenvolver uma percepção a respeito da própria morte, em seu aspecto físico. Neste sentido, a morte é compreendida como a separação definitiva do corpo. Já as crianças, cuja faixa etária varia entre 9 e 10 anos "compreendem a morte como encerramento de atividades que ocorrem no corpo, cessação de comportamentos vitais, tida como fenômeno universal e natural" (TOMA, OLIVEIRA; KANETA, 2014, p.543).

Crianças que encontram-se no terceiro nível, atingem o conceito de universalidade que diz respeito "a compreensão de que todas as coisas vivas morrem, ou seja, de que a morte é um evento inevitável" (NUNES *et al*, 1998, s/p.). Ainda de acordo com Nunes et al (1998) as crianças que não atingem o conceito da universalidade tendem a aceitar que pessoas morrem, no entanto não acreditam que isso possa acontecer com elas ou com familiares e pessoas próximas.

Gesell (2002) ao escrever sobre a forma como cada criança compreende a morte, propõe que a criança de sete anos ainda não aceita a morte como um processo biológico. Segundo o autor, ela passa a compreender que também poderá morrer algum dia, mas geralmente, tende a negar essa possibilidade. Nesta idade, a criança é capaz de atribuir diversas causas à morte, deixando de associá-la exclusivamente a atos de violência e agressão, o que é comum em idades anteriores pelo fato da criança não compreendê-la

ainda como algo natural, passando desta forma, a compreender que fatores como idade e doenças representam uma possibilidade de causas da morte. Quanto ao interesse pela morte, é comum que:

> As crianças falem de funerais, caixões, sepulturas e dos corpos serem enterrados. Interessam-se também, mas de uma forma desprendida pelas visitas a cemitérios, observando as pedras tumulares e tomando nota dos versos, nomes, datas e figuras inscritas nessas pedras (GESELL, 2002, p.142).

Aos oito anos de idade, a criança tende a aceitar a morte com mais naturalidade, desde que não se trate da morte de alguém muito próximo a ela, tendo diminuído o interesse por caixões e ritos funerais, além de aceitar que ela própria terá de morrer em algum momento (GESELL, 2002).

Com nove anos de idade, Gesell (2002) pontua que a criança tem seu interesse voltado para a forma como se dá o processo que leva a vida ao fim. Assim sendo, seus questionamentos são a respeito de 'como as pessoas param de respirar?' e 'por que o coração deixa de bater?', tendendo a preocupar-se, mais especificamente com o fato de que as pessoas deixam de estar vivas. Já aos dez anos, é pontuado pelo autor que a criança:

> Enfrenta o fato da morte como um fenômeno natural: não limita o seu interesse aos respectivos acessórios e consequências. Pensa que a vida tem uma base fisiológica na nutrição, no crescimento, no sangue e na respiração. A morte, sobrevém quando falham esses elementos essenciais. A morte é uma negação da vida, um processo biológico (GESSEL, 2002, p.384-385).

2.1 AFINAL, COMO FALAR SOBRE MORTE COM AS CRIANÇAS?

Conforme pontuado anteriormente, falar sobre morte não é fácil, pois nos leva a pensar em nossa condição humana de finitude, fazendo-nos lembrar de nossas limitações. Desta forma, é comum que muitas pessoas evitem falar sobre o tema, principalmente quando é algo a se conversar com as crianças, então, "os adultos subestimam a criança e adotam uma postura de negação frente a esse tema, minimizando e afastando a criança do significado da morte" (RAMPELLOT JR. *et al*, 2018, p.150).

Torres (1999) enfatiza que para os adultos é difícil falar honestamente com crianças, principalmente quando o assunto está relacionado a sexo, separação dos pais, adoção ou ao tema da morte. Para a mesma autora, o que prevalece é a conspiração do silêncio que tem como base a alegação de que a criança não é capaz de compreender tais assuntos, no entanto, esta é uma estratégia que além de inútil é inibidora, pois, "a criança

interpreta este silêncio como significando que ela deve guardar para si perguntas e sentimentos em relação a determinados assuntos" (TORRES, 1999, p.161).

Sengik e Ramos (2013) completam que se o adulto tenta omitir a morte de algum familiar, a criança, ao observar pessoas tristes e cochichando a sua volta, tende a perceber que há algo errado, pois tais atitudes remetem à existência de um segredo. Kovács (2012) corrobora com essas ideias ao considerar que, ao contrário do que os adultos tendem a pensar, a não comunicação sobre a morte para crianças não é uma forma de protegê-las, podendo fazer com que elas sintam- se desamparadas e confusas sem ter com quem falar a respeito do assunto

Não foram encontrados na literatura muitos estudos a respeito de como conversar sobre morte com crianças, no entanto, alguns autores fazem pontuações que são apresentadas e organizadas neste trabalho como possibilidades de comunicação assertiva sobre a morte, quando este é um tema a ser comunicado com crianças. Tais possibilidades, foram utilizadas como exemplo e referência para as orientações dadas aos responsáveis que participaram da pesquisa, e junto a isto, foi disponibilizado aos mesmos um gibi (Tanattons- elaborado pela professora Graça Motta Figueiredo e seus alunos da Faculdade de Medicina de Itajubá-FMIT (FIGUEIREDO; CARVALHO; REIS, 2015), , a fim de auxiliar e possibilitar a inserção do tema no quotidiano dos participantes e das crianças. Vale salientar que conforme Torres (1999) as melhores explicações que o adulto pode dar aos pequenos são sempre as mais diretas, sinceras e retidas ao máximo da experiência da própria criança, afinal, como é mencionado por Kovács (2008), toda criança já perdeu algum bicho de estimação, seja este um passarinho ou um gato e percebeu que eles ficaram diferentes de quando eram vivos.

Com base nas pesquisas realizadas, pode-se afirmar que não há um protocolo que deva ser rigidamente seguido para que os adultos possam explicar a morte para as crianças, no entanto sabe-se que este é um tema delicado e que exige sensibilidade, flexibilidade e bom senso. Assim sendo, vale ressaltar que:

É direito da criança ser esclarecida sobre a morte de uma pessoa significativa em sua vida, ainda que tenha um entendimento diferente acerca da concepção de morte do adulto. Além disso, conforme sugerido por diversos autores, é necessário que se diga para a criança que a pessoa que morreu não volta mais, ou seja, permitir que ela entenda a irreversibilidade da morte e que com esse entendimento lide melhor com suas emoções e com seu processo de luto (SENGIK; RAMOS, 2013, p.386).

Algumas dicas deixadas por Torres (1999) são: usar a linguagem da criança, comunicando a notícia de maneira simples e objetiva; permitir que a criança faça perguntas, sem decidir por ela o que ela deve saber, isso envolve dar explicações que respeitem os limites da criança, sem ir além do que ela escolhe saber; ser franco e honesto, não preocupando em esconder incertezas, pois, a vida tem problemas sem respostas e dizer 'não sei', às vezes é necessário; não usar eufemismos e símbolos sentimentais, dizendo por exemplo, que a pessoa 'está dormindo' ou 'foi chamada por Deus porque era boa'.

Papalia; Olds e Feldman (2006) afirmam que os adultos podem ajudar as crianças a entender a morte, colocando-as diante do conceito precocemente e estimulando que falem a respeito do assunto. Esse pensamento é corroborado por Rocha, Fonseca e Sales (2019), ao considerarem que o momento para falar sobre esse tema é na infância, desde que seja considerado o desenvolvimento cognitivo da criança e para isto, "pode-se instaurar um diálogo natural com a criança no momento em que ela perde seu animalzinho de estimação por exemplo, explicando o ciclo natural de nascimento, desenvolvimento e morte" (ROCHA; FONSECA; SALES, 2019, p.41).

Na tentativa de proteger a criança, o adulto tende a criar histórias, mas conforme pontuado por Sengik e Ramos (2013), certas explicações, tais como, dizer que a pessoa falecida está doente, viajou, ou que retornará em breve, além de gerar ainda mais dor e confusão, fazem com que a criança fique frustrada, impedindo o processo de conhecimento

É comum que as pessoas usem a religiosidade para explicar a morte, a respeito desta, Torres (1999) coloca que é importante que se compartilhe a fé e que transmitir ideias filosóficas ou religiosas, para a criança, é útil apenas quando se crê sinceramente nelas. Para a autora, quando o adulto não acredita verdadeiramente nos ideais que transmite:

> A complexidade destas crenças e a dificuldade para distinguir entre morte física e espiritual deixam a criança mais confusa e intrigada 'foi para o céu' quando o adulto não crê nessa explicação poderá suscitar perguntas subsequentes mais embaraçosas como 'onde é o céu?', 'o que se faz lá', etc.) (TORRES, 1999, p.165).

Papalia, Olds e Feldman (2006) indicam que os adultos também podem ajudar a criança a lidar com a perda, quando se colocam a explicar que a morte é algo definitivo e que não está relacionado aos maus comportamentos ou pensamentos da criança. Então, o

que as crianças necessitam é saber que ainda receberão cuidados dos adultos, sendo tratadas com carinho. Por isso é importante que a comunicação sobre o tema seja honesta, que as respostas às dúvidas sejam simples e que os adultos permitam que elas falem sobre a pessoa falecida.

Assim, como afirmam Sengik e Ramos (2013), a morte reflete ansiedades, angústia e medo, fazendo com que se tenha o desejo de evitar esse tema, no entanto, ela faz parte da vida e, a sugestão dos estudiosos é que o assunto morte seja conversado com crianças, de maneira sincera e natural, permitindo que elas expressem suas dúvidas, pensamentos e sentimentos.

Vale acrescentarmos que esta pesquisa não teve como propósito descrevermos um protocolo que possa ser rigidamente utilizado como parâmetro para explicarmos o tema da morte para as crianças. Percebe-se que, os estudos encontrados até o momento permitem melhor compreensão acerca da maneira como a criança percebe a morte, de acordo com o seu nível de desenvolvimento cognitivo. No entanto, cada criança possui sua singularidade e identidade, então, a forma como a comunicação se estabelece também é única e particular, o que se espera é que o tema da morte seja tratado com naturalidade, honestidade, cuidado e que as crianças sejam estimuladas a pensar no assunto, pois, a discussão sobre a morte é algo que perpassa a finitude da vida, abrangendo a relação do homem com as inúmeras perdas, términos de ciclos e oportunidades de ressignificar, que acompanham a humanidade em todas as fases do desenvolvimento.

3 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo, para compreendermos como os adultos lidam com a temática da morte diante da necessidade de tratar sobre esse assunto com as crianças. Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista em que através de uma pergunta disparadora pretendeu-se desenvolver um diálogo sobre o tema com os participantes da pesquisa.

3.1 DELINEAMENTO

Para a execução do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2008) envolve o levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de exemplos que estimulem a compreensão. Desta forma, partindo da hipótese de que os adultos não estão sabendo como falar assertivamente sobre a morte com crianças, foi

realizada uma pesquisa na Clínica-Escola de Psicologia, do Centro Universitário de Itajubá- FEPI.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O público alvo foi constituído por quatro pais ou responsáveis que levavam as crianças para o atendimento psicológico, na modalidade de ludoterapia. O critério para inclusão foi que os participantes frequentassem a Clínica-Escola e tivessem contato com as crianças que estavam sendo atendidas em ludoterapia. A entrevista com cada participante ocorreu no momento em que as crianças estavam em atendimento, pois, enquanto isso, os responsáveis encontravam-se disponíveis na sala de espera durante o período de 50 a 90 minutos.

3.3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da FEPI (Centro Universitário de Itajubá), os participantes foram convidados para uma entrevista, com duração de aproximadamente 50 minutos, na Clínica-Escola de Psicologia da faculdade. Após o responsável assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), foi feita a seguinte pergunta disparadora: "*Como você, enquanto pai (ou responsável), responde ou responderia para uma criança o que é a morte e para onde vai a pessoa que morre?".* Após responder isto, novas perguntas foram elaboradas durante o diálogo por ser esta a forma que se trabalha com pesquisas do tipo fenomenológico. As entrevistas fenomenológicas estão associadas a uma liberdade de resposta e, essa flexibilidade, permite ao investigador redirecionar as questões e/ou aprofundar assuntos em função das respostas que o participante vai dando ao longo da entrevista realizada. Silva e Santos (2017) esclarecem que em uma pesquisa de psicologia cuja base metodológica é pautada na fenomenologia existencial, os procedimentos a serem empregados no momento da pesquisa, não são previamente definidos, pois a própria temática a ser investigada indicará como ela pode ser acessada.

Algumas das perguntas realizadas foram: Como é a sua fala com as crianças quando o assunto é morte? O que é a morte para você? Como você acha que uma criança pensa em relação à morte? Você acredita que uma criança é capaz de falar e compreender o que é a morte?

Para a coleta dos dados, foi necessário um tempo de aproximadamente 3 semanas. Foi realizada a gravação de áudio durante as entrevistas, com o consentimento dos participantes, a fim de facilitar a transcrição de dados que foi realizada posteriormente. Por fim, os dados colhidos foram estudados mediante a compreensão fenomenológica. Andrade e Holanda (2010), ao citarem Giorgi (1985), esclarecem os passos a serem seguidos diante da realização de uma entrevista e análise fenomenológica. O primeiro passo, nomeado como o sentido do todo, consiste na leitura da descrição com o intuito de compreender o todo para, em seguida, discriminar unidades significativas tendo como base a perspectiva psicológica, com ênfase no fenômeno que é pesquisado. Após isto, as pesquisadoras buscaram transformar em sentido psicológico as unidades significativas, para isso elas fizeram com que a linguagem do dia a dia fosse transformada em linguagem psicológica considerada apropriada e a ênfase foi voltada ao fenômeno em estudo, que, neste trabalho, refere-se à forma como ocorre a comunicação sobre a morte para crianças.

O último passo é aquele em que as pesquisadoras "buscam a síntese das unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da estrutura do aprendizado" (ANDRADE; HOLANDA. 2010, p.267) e, a partir disso, essa estrutura será comunicada a outros estudiosos, tendo como propósito a crítica, ou a confirmação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No quadro que segue, são apresentados os resultados da pesquisa e, para que haja melhor compreensão, as entrevistas foram analisadas e as unidades de significado encontradas no discurso dos participantes, foram selecionadas e transformadas numa temática existencial, que encontram- se no quadro a seguir.

	Unidades de Significado
Religiosidade Existencial / Explicação a partir da Própria Crença	"Deus permite que a gente nasça, então ele permite que a gente vá também [...] Pra um outro espaço, outro tipo de vida." M. "Eu falava que ia 'pro' céu né? Que foi morar com o papai do céu, que ia ficar lá na casa dele, que aí todo mundo que morre vai morar com ele" J. "Pro céu, gente enterra debaixo da terra né? Mas a gente fala que vai 'pro' céu" I. "O papai do céu vai vir buscar" I. "Eu falei 'pra' ela, 'a vó morreu'; 'a vó foi 'pro' céu'..." I. "Eu explicaria 'pra' ele que, no caso, se fosse uma pessoa idosa, que ela já viveu muito, já fez tudo o que ela precisava aqui e que agora ela 'tá' descansando. Assim, como eu sou evangélica[...] que só ia ressuscitar a hora que Jesus voltasse...'pro' juízo final, que é o que eu passo 'pra' ele, apesar 'dele' não ser evangélico. E que 'taria' dormindo, descansando. É isso que eu falaria 'pra' ele." A. "Eu falaria que se a pessoa foi boazinha aqui na Terra, ela estaria com Jesus. Agora se não foi muito boazinha ela estaria num lugar ruim. Eu não iria mentir. Talvez, eu, como falei...não entraria nos mínimos detalhes. Eu falaria que se a pessoa foi muito ruim, ela não estaria 'num' lugar bom.". "Eu abriria a bíblia, mostraria né?" A.
Contradição da Existência	"Não fico 'enfeitiçando' não porque eu acho que a criança tem que saber a verdade e, assim, a única coisa que a gente fala um pouco mais é que vai morar com o papai do céu, 'pra' criança ficar mais confortada né? Mas fora isso, não fico assim...é... fantasiando não." J. "Acho que se eu tivesse que falar, o único jeito que seria é que a pessoa não ia acordar mais...né, não ia andar, não ia falar, a gente não ia ver ela mais, como se tivesse viajado para um lugar muito distante ..." J. "[...] Eu acho que tem uma certa idade. Né? 'Num'... igual uma criança de quatro anos, eu acho que é um pouco mais difícil, mas pode ser o contrário...uma criança de quatro entender mais que uma de dez, quinze né? Dependendo da idade. [...] Acho que não tem idade né? A partir do momento que a criança já entende um pouco, creio eu que com uns quatro anos né? Que a criança já 'tá' um pouco mais assim, ciente de algumas coisas, mas acho que não tem idade não[...]." "Eu acho que não tem necessidade de ficar falando nesse assunto, mas assim, a criança precisa saber o que é a vida e o que seria a morte..." J. "[... Ele permite que a gente vá 'pra' outro espaço, outro tipo de vida[...] Ela foi morar em outro lugar que a gente conhece como céu[...] Aí eu falo porque a gente só tem uma vida, só essa que a gente vive...a gente não pode gastar ela, acho que não tem como gastar essa vida e ter outra. É só essa vida que a gente tem aqui nessa terra, depois daqui a gente não sabe como que é, porque ninguém que foi voltou 'pra' contar." M. "[...] Eu acredito que seja o fim...de um estágio... de uma era, de um processo. Eu não acredito que seja o fim mesmo não... é uma evolução[...]." M.
Verdade Existência Adulta	"Falei que infelizmente a avó deles havia falecido e que agora ela não estaria mais morando aqui com a gente..." M. "Ela foi morar em outro lugar e ela não vai voltar mais..." M. "Eu falo que vai ser enterrada, vai 'pro' caixão, depois vai ter o velório, aí leva para o cemitério" J. "[...] Aí eu falei que né? Que vai ter o velório, mas a pessoa arruma você, põe no caixão[...]". J. "[...] Eu falei que era uma empresa que cuida dos mortos e disse que tem que arrumar eles, fazer maquiagem, por uma roupa bonita [...] Que em alguns casos o caixão fica aberto, dependendo da causa da morte[...]" J.
Eufemismo na Linguagem	"Vira uma estrelinha né?" I. "A vó virou uma estrelinha" I.

	"Se eu tivesse que falar, o único jeito que seria é que a pessoa não ia acordar mais...né? Não ia andar, não ia falar, a gente não ia ver ela mais, *como se tivesse viajado* para um lugar muito distante e a gente não ia ver mais." I. "Que 'taria' dormindo, descansando [...] Ela já completou o tempo dela aqui na terra e 'taria' descansando, dormindo. Isso que eu falaria 'pra' ela." J.
Intuição da Consciência Teórica	"Não vão saber nem o que é a morte" I. "Ai, eu não sei te dizer se ela vai entender...pode ser que entenda no momento, mas depois vem os porquês[...]" A.
Verdade Existência Matura	"[...]Não vai acordar mais[...]" J.
Respeito frente ao Tempo da Criança	"'Cê' quer ver a 'vó', pela última vez?" I. "O que ela perguntar 'cê' responde". I.
Não sabe Como Explicar	"Nem eu sei explicar..." J. "Não faço nem ideia de como seria a morte..." J. "Não sei nem explicar o que é a morte" J. **"**A gente não tem essa facilidade né? De 'tá' explicando, mas eu acho que assim... que não tem necessidade mesmo, mas acho que se tivesse um apoio, igual os psicólogos né? Orientassem como explicar...ter mais...alguma coisa desse tipo nas escolas, né? Ou palestras, eu acho que assim ajudaria mais, porque aí na palestra vai um profissional que sabe falar[...]" J.

Diante do objetivo de compreendermos como ocorre a comunicação acerca do tema da morte, partindo de adultos para as crianças, podemos perceber, por meio das entrevistas, aspectos que possibilitam essa compreensão e os resultados permitem algumas reflexões que serão apresentadas a seguir. Vale salientarmos, que trata-se de uma pesquisa qualitativa e de cunho fenomenológico, portanto, a análise dos resultados busca compreender '*como'* se dá o fenômeno em estudo, não tendo como intuito apresentá-lo com base em critérios que expressem o caráter quantitativo dos dados.

Dentre as unidades de significado encontradas, a religiosidade se fez presente nas repostas e pode ser entendida como um conjunto de crenças que se relacionam ao sobrenatural, divino ou sagrado e engloba práticas, códigos morais, valores e rituais que estão associados a essas crenças. Ao buscar compreender o significado da vida e da morte, o homem utiliza a religiosidade como estratégia para lidar com suas dificuldades (CERVELIN; KRUZE, 2015). De acordo com o que foi exposto no quadro acima, percebemos que a religiosidade se faz presente no discurso de todos os entrevistados, sendo utilizada, também, como um recurso para explicar o tema da morte para as crianças. No discurso de M. foi-nos percebido que sua própria crença é confusa quando explica para onde vai a pessoa que morre, diante disso ela se contradiz explicando que a morte é o fim e ao mesmo tempo dizendo que é uma evolução. Frente a isto, vale salientarmos o que é proposto por Torres (1999), ao considerar que o compartilhamento da própria fé e de ideias religiosas é útil, desde que o adulto acredite verdadeiramente no que está

transferindo para a criança, a fim de que não ocasione ainda mais confusão, por meio de ideias complexas.

O uso de eufemismo e a invenção de histórias para explicar a morte foram evidenciados no discurso de I. e J. e remetem à dificuldade de estabelecer uma comunicação honesta acerca do tema da morte com crianças, o que pode, de acordo com Sengik e Ramos (2013), gerar ainda mais frustração e impedir o processo de conhecimento da criança.

Foi possível percebermos, na fala de J. a presença de ideias contraditórias, quanto a importância de conversar sobre morte com as crianças e, também, quanto a própria concepção do que vem a ser morte. Em seu relato, a entrevistada demonstra ter hipóteses do que considera ser a maneira adequada de conversar a respeito do assunto, mas se contradiz frente a explicação, usando em seu discurso hora a realidade, hora a fantasia , ao dizer por exemplo que *"a pessoa não ia acordar mais, não ia andar, não ia falar[...] como se tivesse viajado pra um lugar muito distante".* Conforme é pontuado por Kübler-Ross (2008), os adultos tendem a julgar que a morte seja um tema difícil demais de ser compreendido por crianças e, por isso, busca-se protegê-las do contato com a realidade, atitude que pode levar os pequenos a internalizar experiências de morte de maneira traumática.

Um ponto que chamou-nos a atenção e que podemos perceber na fala de J. é o hábito de conversar com a criança sobre o tema da morte, fazendo isto através de um discurso que assusta e coloca medo na criança. Essa é mais uma forma de relação com o tema que busca proteger a criança da morte enquanto realidade da vida. Perde-se assim, a oportunidade de tratar o assunto com naturalidade, explicando para a criança desde pequena, que tudo tem começo e fim, usando para isto, a realidade da própria criança frente a perda de um animal de estimação ou diante da observação do desenvolvimento de uma planta, assim como é proposto por Papalia, Olds e Feldman (2006) e por Rocha, Fonseca e Sales (2019). Tais recursos, baseados na realidade da criança, assim como foi citado por esses autores, também seriam úteis diante de situações como as que foram percebidas nos relatos de M. e J., quando, ao utilizar da verdade adulta, os participantes da pesquisa demonstram que não fazem uso da linguagem da criança, não utilizando, portanto, o recurso lúdico para explicar a morte.

Ao abordar o tema com as crianças, I. demonstrou por meio de sua fala, que teve uma atitude assertiva de honestidade frente ao tempo da criança. Isso envolve não só o

ato de dar respostas de acordo com os questionamentos apresentados pela criança, mas também dar espaço para que a própria criança decida se quer ou não participar de rituais funerários, por exemplo. Saber o que falar e optar pela decisão de levar a criança no velório ou não são fenômenos que suscitam dúvidas nos adultos, mas I. demonstrou assertividade quando agiu de acordo com as orientações pontuadas por Torres (1999), que sugere não decidir pela criança o que ela deve saber, dando explicações que respeitem seus limites e sem ir além daquilo que a própria criança escolhe saber.

Por verdade honesta, entende-se que na comunicação, o adulto disse para a criança, a verdade sem criar histórias ou fantasiar, J., ao deixar claro que a pessoa falecida não ia acordar mais, enfatizou que a morte é irreversível, sendo este, um aspecto extremamente importante de ser ressaltado quando se explica para a criança o que é a morte, assim como salientado por Lima e Kovács (2011).

O discurso de A. e I. revelam a crença dos adultos, em que tendem a intuir teoricamente que as crianças não são capazes de entender o que é a morte, desconsiderando assim, a força e capacidade da criança para lidar com o tema. O resultado da pesquisa, a partir do relato de um dos participantes, evidencia a urgência do que é denominado por Kovács (2012), como 'Educação para a Morte'. J., ao assumir que não sabe como falar sobre o tema da morte, discorreu acerca da necessidade de que profissionais ofereçam orientações para os pais na escola. Tal consideração, chamou-nos a atenção para o fato de que existe a necessidade de que haja maior aceitação e ampliação de espaços para que este tema seja discutido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da morte geralmente é evitado e visto com repulsa, no entanto, notamos que tem sido crescente o número de estudiosos que se debruçam a pesquisar sobre o assunto. Os resultados da pesquisa realizada sugerem uma carência de informações, por parte do público leigo, ao que se refere à compreensão que as crianças têm sobre o conceito de morte. Diante disso, como foi evidenciado na pesquisa, surgem inúmeras dúvidas e dificuldades que impedem uma comunicação assertiva frente a esta temática. Percebemos então, a necessidade e urgência de mais estudos sobre o assunto, principalmente em relação a infância, pois, a morte é um tema que perpassa a finitude da vida, abrangendo a relação do homem com toda e quaisquer tipos de perdas que se fazem presentes desde a mais tenra idade.

A comunicação é falha e, muitas vezes, pouco esclarecedora frente as dúvidas apresentadas pela criança. A pesquisa realizada e as orientações fornecidas aos participantes representam uma contribuição mínima, porém, essencial do ponto de vista das pesquisadoras e abre espaço para novas pesquisas que podem, também, ser úteis para pais e responsáveis. No campo da Psicologia, assim como em áreas afins, o estudo da morte é fundamental e sua relevância se expressa na prática da própria atuação, uma vez que o contato diário com pessoas faz da morte uma companheira de trabalho (KOVÁCS,2012).

A pesquisa realizada alcançou os objetivos propostos ao compreendermos, através de uma amostra pequena, porém significativa, como os adultos se comunicam com crianças sobre o tema morte. Vale ressaltarmos que a escolha pelo assunto teve como intuito delimitar o fenômeno a ser pesquisado, mas a contribuição deste trabalho tem implicações que estão além desta temática, podendo levar-nos a uma reflexão do quanto é difícil para os adultos estabelecer uma comunicação honesta com crianças de maneira geral e, a respeito do quanto, cabe a nós, profissionais da Psicologia e da saúde assumirmos uma postura de agentes de mudanças, tornando o conhecimento acessível e útil na vida das pessoas.

Por fim, é importante lembrarmos que falar sobre morte é, também, pensar em vida pois, é a consciência da finitude que abre nossos olhos para a qualidade e importância que atribuímos aos momentos e fenômenos vivenciados que, assim como nós, são passageiros.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.C.; HOLANDA, A.F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Revista Estudos de Psicologia.** v.27.n.2, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf . Acesso em 15 de novembro de 2019, às 15:46.

CECCON, N.J. A Morte e o Luto da Perspectiva Humanista. Anais do Evinci, Unibrasil. 2017. Disponível em https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/3181 . Acesso em: 30 de Março de 2019, às 16:05.

CERVELIN, A.F.; KRUSE, M.H.L. Espiritualidade e religiosidade nos cuidados paliativos: produzindo uma boa morte. **Revista Enfermagem UFPE**, on-line.v.9.n.3,2015. Disponível em https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10501/11370. Acesso em:13 de novembro de 2019.

FIGUEIREDO, G.M.; CARVALHO, B; REIS, J.M. **Tanatoons - aprendendo com as perdas.** Ano 1,v(1), Projeto a Arte do cuidar. Faculdade de Medicina de Itajubá, 2015.

FRONZA, L.P., et al. O Tema da Morte nas Escolas: Possibilidades de Reflexão. **Barbaróí**. nº43, 2015. Disponível em http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/3496 Acesso em: 06 de Abril de 2019, às 15:01.

GESELL, A. **A criança dos 5 aos 10 anos.** Martins Fontes. 2002.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo, Atlas.2008.

Giorgi, A. Sketch of a Psychological Phenomenological Method. In: A. Giorgi (ed.). **Phenomenology and Psychological Research** (pp.6-22), Pittsburg: Duquesne University Press, 1985.

KOVÁCS, M.J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a Morte e o Morrer. **Paidéia,** Ribeirão Preto, v.18, n.41. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2008000300004> . Acesso em 15 de outubro de 2019, às 16:54.

KOVÁCS, M.J. **Educação para a Morte:** Desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2012. 177p.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer:** o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 296p.

LIMA, V.R.; KOVÁCS, M.J. Morte na Família: Um estudo Exploratório Acerca da Comunicação à Criança. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão.** 2011.Disponível emhttp://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932011000200014&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em 30 de março de 2019, às 17:44.

NUNES, et al. As crianças e o conceito de Morte. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica.** Porto Alegre, v.11. n.3, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300015 .Acesso em 08 de setembro de 2019, às 20:30.

OLIVEIRA, L.I.S. Conversando Sobre Morte com Crianças em Fase Terminal. 2016. Disponível em https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0408.pdf . Acesso em: 06 de abril de 2019, às 17:55.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Piaget**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RAMPELLOT, JR.; et al. **O desenvolvimento do conceito de morte em crianças saudáveis.** Congresso Brasileiro De Psicologia da FAE. 2018. Disponível emfile:///C:/Users/00013231/Downloads/51-100-2-PB.pdf . Acesso em 05 de novembro de 2019.

ROCHA, A.P.C; FONSECA, L.C.; SALES, R.L. Dialogando sobre a morte como forma de prevenção do luto mal elaborado. **Revista Psicologia e Saberes.** v.8. n.12, 2019. Disponível em https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1054/817

SANTOS, T.C.F.; FENSTERSEIFER, L. **Educação para a Morte na Formação do Psicólogo da PUC Minas São Gabriel.** 2016. Disponível em http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13591 . Acesso em: 01 de abril de 2019, às 15:39.

SENGIK, A. S; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v.25, n.2, p.379-387, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 de outubro de 2019, as 21:57.

SILVA, E. F.G.; SANTOS, S. E.B. Fenomenologia existencial como caminho para pesquisa qualitativa em psicologia. **Revista NUFEN**, Belém, v.9, n.3, p.110-126, 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300008&lng=pt&nrm=iso .Acesso em 15 de novembro de 2019, às 16:30.

TOMA, M.D.; OLIVEIRA, W.L; KANETA, C.N. Comunicação de prognóstico reservado ao paciente infantil. **Revista Bioética,** v.22, n.2, 2014. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/bioet/v22n3/v22n3a18.pdf >. Acesso em 13 de setembro de 2019, às 15:00.

TORRES, W.C. **O conceito de morte em diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo:** uma abordagem preliminar. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em psicologia aplicada. Rio de Janeiro, 1978. Disponível em https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9633 .Acesso em 15 de junho de 2019, às 22:00.

TORRES, W.C. **A criança diante da Morte:** Desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 179p.